

PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INCLUSIVAS: DESAFIOS, ESTRATÉGIAS E RECURSOS PARA ALUNOS COM NECESSIDADES EDUCACIONAIS ESPECIAIS

Lucineide Benevides de Melo¹
Rúbia Kátia Azevedo Montenegro²

RESUMO: O artigo investiga as percepções dos professores sobre os desafios, estratégias e recursos necessários para a inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais (NEE) nas escolas. A partir de relatos qualitativos, foram identificados avanços, como o uso de jogos, atividades lúdicas e ferramentas visuais, mas também barreiras, como a falta de formação continuada, sobrecarga de trabalho e ausência de recursos pedagógicos e tecnológicos adequados. Os professores destacaram a importância do apoio especializado, de infraestrutura acessível e de parcerias entre escola e família para melhorar o atendimento aos alunos com NEE. Baseado em estudos como os de Bezerra e Silva (2019) e Teles (2019), o artigo reforça que a formação docente e o suporte institucional são essenciais para o desenvolvimento de práticas pedagógicas eficazes. Conclui-se que a inclusão só será efetiva com políticas educacionais que garantam suporte integral aos professores e respeitem a diversidade.

Palavras-chave: Educação inclusiva. Práticas pedagógicas. Recursos educacionais.

ABSTRACT: This article investigates teachers' perceptions of the challenges, strategies, and resources needed to include students with special educational needs (SEN) in schools. Based on qualitative reports, advances were identified, such as the use of games, recreational activities, and visual tools, but also barriers, such as the lack of ongoing training, work overload, and the absence of adequate pedagogical and technological resources. Teachers highlighted the importance of specialized support, accessible infrastructure, and partnerships between schools and families to improve services for students with SEN. Based on studies such as those by Bezerra and Silva (2019) and Teles (2019), the article reinforces that teacher training and institutional support are essential for the development of effective pedagogical practices. It is concluded that inclusion will only be effective with educational policies that guarantee comprehensive support for teachers and respect diversity.

Keywords: Inclusive education. Pedagogical practices. Educational resources.

¹Mestranda pela Veni Creator Christian University.

²Doutora em Ciências da Educação - Professora Orientadora pela Veni Creator Christian University.

1 INTRODUÇÃO

A educação inclusiva tem sido amplamente discutida como um dos principais pilares para a promoção da equidade e da justiça social nas escolas. No entanto, a implementação de práticas pedagógicas inclusivas que atendem às necessidades educacionais especiais (NEE) de forma eficaz ainda enfrenta desafios significativos. Professores, gestores e outros profissionais da educação muitas vezes se deparam com a necessidade de ajustar suas práticas pedagógicas, currículos e ambientes escolares para garantir que todos os alunos tenham acesso a uma educação de qualidade.

Este artigo investiga as percepções dos professores sobre os desafios, estratégias e recursos necessários para promover a inclusão de alunos com NEE, analisando dados qualitativos obtidos a partir de relatos e justificativas sobre práticas pedagógicas inclusivas. As discussões são fundamentadas em teorias e estudos relevantes, como a Declaração de Salamanca (1994), que destaca o direito à educação inclusiva, e os trabalhos de autores como Bezerra e Silva (2019), Vianna et al. (2015) e Teles (2019), que apontam para a importância de formação continuada, recursos pedagógicos adaptados e infraestrutura acessível.

A relevância do tema se justifica pela crescente demanda por ambientes escolares mais inclusivos, onde as diferenças sejam valorizadas e tratadas como oportunidades para o aprendizado mútuo. As questões discutidas neste trabalho, como a eficácia das estratégias pedagógicas, a falta de recursos e a sobrecarga de trabalho docente, são centrais para compreender como as escolas podem melhorar suas práticas e políticas externas para a inclusão.

O objetivo deste artigo é analisar as práticas pedagógicas, os desafios enfrentados e os apoios necessários para atender de forma eficaz alunos com NEE, oferecendo uma contribuição teórica e prática para o debate sobre a inclusão escolar. Ao final, espera-se identificar caminhos viáveis para aprimorar a atuação docente e a estrutura escolar, promovendo uma educação que respeite e acolha a diversidade em todas as suas formas.

2 DESENVOLVIMENTO

Nesta pesquisa, analisamos o uso de estratégias pedagógicas inclusivas em uma escola pública de Caruaru-PE, com base em relatos de 10 professores da Escola de Referência em Ensino Médio Felisberto de Carvalho. A análise revelou que, embora os educadores reconheçam a importância da inclusão, a implementação de estratégias eficazes ainda enfrenta desafios importantes.

O perfil dos participantes mostra uma diversidade de formações acadêmicas, incluindo Letras, Matemática, História, Educação Física e Química, o que pode enriquecer o desenvolvimento de abordagens interdisciplinares adaptadas às necessidades dos alunos com NEE. Alguns professores possuem pós-graduação em áreas como Psicopedagogia, Educação, Cultura e Identidade, e Educação Física Escolar, fornecendo preparo parcial para lidar com estratégias inclusivas. No entanto, demonstrou-se a ausência de especialização direta em Educação Inclusiva ou Educação Especial, evidenciando uma lacuna na formação específica.

A experiência docente variada, de 1 mês a 27 anos, reforça a necessidade de aliar prática a formações continuadas externas para a inclusão. Profissionais com especializações pedagógicas podem contribuir significativamente para o ensino inclusivo, desde que recebam suporte teórico e metodológico adequado.

Metade dos professores relataram possuir formação específica para trabalho com alunos com necessidades educacionais especiais (NEE), um dado positivo, pois esses profissionais tendem a estar mais preparados para implementar estratégias pedagógicas inclusivas. No entanto, 40% indicaram não ter recebido nenhuma formação nessa área, e 10% afirmaram possuir formação parcial, evidenciando lacunas na capacitação docente.

A ausência ou insuficiência de formação específica exige a eficácia das práticas inclusivas, conforme destacado por Bezerra e Silva (2019). Muitos professores sem essa capacitação enfrentam desafios para adaptar currículos e atender à diversidade em sala de aula. Educadores com formação parcial podem estar familiarizados com algumas estratégias inclusivas, mas carecem de pleno domínio das ferramentas permitidas para atender às demandas específicas de todos os alunos, conforme apontado por Nozi e Vitaliano (2014).

A Declaração de Salamanca (1994) reforça a importância da formação contínua para que os professores adaptem as suas práticas pedagógicas às necessidades de alunos com NEE, destacando a urgência de investir em capacitações que contemplem a diversidade educacional.

Indagados sobre de que forma as políticas e diretrizes da escola influenciam a prática de ensino com alunos com NEE, podemos analisar as respostas dos professores sobre como as políticas e diretrizes da escola influenciam suas práticas de ensino com alunos com necessidades educacionais especiais (NEE).

O professor P1 afirma que as políticas da escola influenciam sua prática por meio de "uma forma de abordagem humanística", essa perspectiva está em consonância com Barcelli (2018), que defende que uma educação inclusiva deve focar não apenas no desenvolvimento

acadêmico, mas também no respeito à individualidade e às necessidades emocionais dos alunos. Ao adotar essa abordagem, o professor cria um ambiente que valoriza a empatia e a paciência, características essenciais para promover a inclusão escolar, como apontado por Nozi e Vitaliano (2014), que destacam essas qualidades como fundamentais no trabalho com alunos com necessidades educacionais especiais (NEE).

A influência das políticas escolares sobre práticas inclusivas é multifacetada, conforme indicado pelos professores entrevistados. P₁ destaca uma abordagem humanística que valoriza a empatia e a paciência, em alinhamento com Barcelli (2018) e Nozi e Vitaliano (2014), que defendem o respeito à individualidade e às necessidades emocionais dos alunos. Em contrapartida, P₂ observa limitações de flexibilidade em políticas centralizadas, corroborando Bezerra e Silva (2019) sobre a importância de autonomia para práticas inclusivas mais eficazes.

Quadro 1 – Respostas dos professores sobre de que forma as políticas e diretrizes da escola influenciam a prática de ensino com alunos com NEE.

PARTICIPANTES	RESPOSTAS
P ₁	É uma forma de abordagem humanística.
P ₂	Na gestão municipal o suporte é mais direcionado
P ₃	Influenciam com o incentivo à atividade diversas, explorando abordagens não necessariamente tradicionais (ex.: materiais lúdicos, projetos interdisciplinares, monitorias, entre outros)
P ₄	Como ainda não utilizo nenhuma prática, acredito que sua importância resida na difusão de informação e no apoio, de qualquer forma
P ₅	É algo limitado, uma conversa de 1h anualmente não dá conta
P ₆	Parcial positiva
P ₇	De forma esclarecedora, somando sustentação e engajamento. Atribuindo o desejo de busca constante de novos conhecimentos.
P ₈	Eu não tenho resposta para essa pergunta, pois cheguei recentemente na escola e ainda, não fui apresentada ao plano com os estudantes com NEE
P ₉	Eles orientam e estruturam o trabalho dos professores
P ₁₀	De forma positiva

Fonte: Dados da pesquisa, 2024.

Professores como P₃ enfatizam o uso de metodologias diversificadas, como materiais lúdicos e projetos interdisciplinares, em consonância com Vianna et al. (2015) e Teles (2019), que reforçam a necessidade de adaptar a mediação pedagógica às especificidades de aprendizagem. No entanto, P₄ aponta uma lacuna prática devido à falta de apoio contínuo e formação específica, problema também levantado por Vioto e Vitaliano (2019). A crítica de P₅ ao suporte anual limitado reflete a relevância da formação contínua e do acompanhamento, conforme proposto por Bezerra e Silva (2019). Já P₆ observa que as políticas têm influência parcial, sendo frequentemente rompedoras de forma fragmentada, como descrito por Bezerra e

Silva. Por outro lado, P7 vê as políticas como estímulo ao aprendizado contínuo, ideia reforçada por Nozi e Vitaliano (2017).

Casos como o de P8, que não receberam orientação sobre práticas inclusivas, ilustram falhas no processo de integração de novos professores, destacados por Vioto e Vitaliano (2019). Enquanto isso, P9 confirma o suporte estruturado oferecido pelas políticas, e P10 avalia a influência como positiva, sugerindo práticas inclusivas bem inovadoras, aprovadas a Vioto e Vitaliano (2019).

Essas percepções heterogêneas destacam a necessidade de uma gestão escolar que garanta formação regular, suporte prático e comunicação clara das políticas, promovendo uma implementação eficaz das diretrizes inclusivas para todos os professores, independentemente de sua experiência.

Quando perguntados sobre como avalia o suporte que recebe da administração escolar para atender às necessidades dos alunos com NEE (Quadro 2), destacamos inicialmente o silêncio de P1 e P2 que transmite insegurança ou falta de clareza sobre como avaliar o suporte da administração, o que reforça a necessidade de um acompanhamento mais próximo e uma maior disseminação de informações e práticas inclusivas, como apontado por Bezerra e Silva (2019). As percepções dos professores sobre o suporte administrativo revelam diferenças importantes, refletindo avanços e desafios na implementação de políticas inclusivas.

719

Alguns professores demonstraram insegurança ou falta de esclarecer ao avaliar o suporte recebido (P1 e P2), indicando a necessidade de maior envio e disseminação de práticas inclusivas, conforme destacado por Bezerra e Silva (2019). Em contrapartida, P3 relata uma experiência positiva, apontando para o diálogo aberto e acesso a materiais interessantes, práticas que Vianna et al. (2015) Considerações essenciais para um ambiente inclusivo.

Quadro 2 – Respostas dos professores sobre como avalia o suporte que recebe da administração escolar para atender às necessidades dos alunos com NEE.

PARTICIPANTES	RESPOSTAS
P1 e P2	Não respondeu
P3	De forma positiva, uma vez que a administração mostra-se atenta e aberta ao diálogo e na obtenção de material ou estratégias diversificadas
P4	A gestão é compreendida em auxiliar sobre todas as necessidades
P5	Temos um setor o qual atende diretamente os estudantes
P6	Fraca
P7	Avalio de forma positiva
P8	A escola dispõe de uma sala de atendimento especializado os estudantes com necessidades educacionais especiais, frequentam semanalmente, assim percebermos um apoio e avanço diante das necessidades de aprendizagem

P9	Disponibiliza recursos pedagógicos, sala de recursos multifuncionais e profissionais de apoio
P10	No atual momento limitado

Fonte: Dados da pesquisa, 2024.

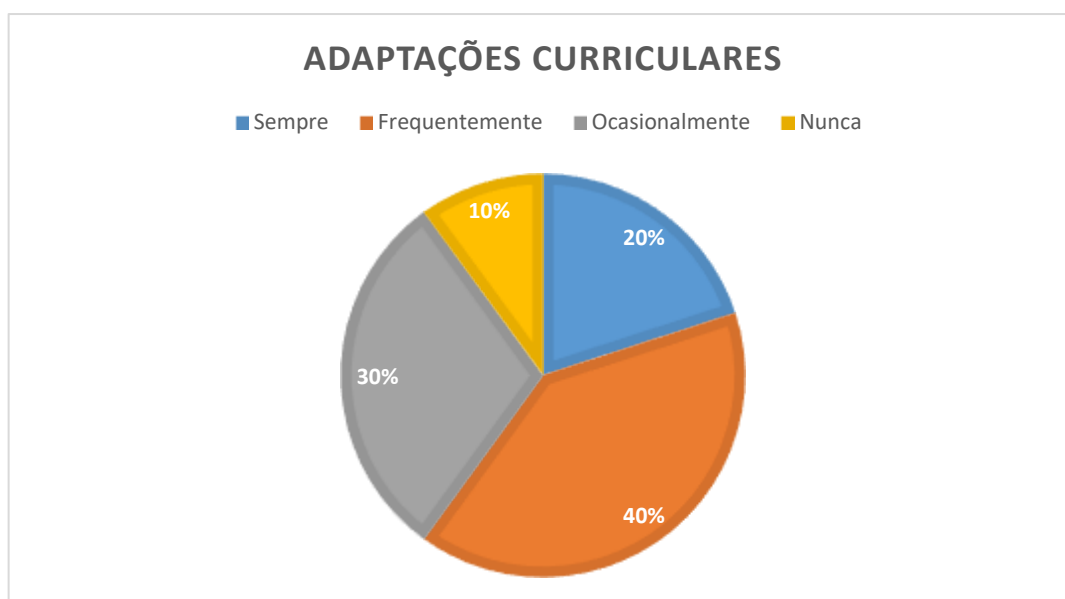
A avaliação de P4 reforça a ideia de uma gestão proativa no apoio às necessidades educacionais, homologada a Vioto e Vitaliano (2019), que defende o papel da liderança escolar na facilitação de recursos e orientações para práticas inclusivas. Já P5 menciona a existência de um setor especializado para atender diretamente os estudantes, prática que reflete os princípios da Declaração de Salamanca (1994) ao adaptar as escolas às necessidades individuais dos alunos. No entanto, P6 descreve o suporte como fraco, destacando a ausência de recursos adequados ou formação contínua, um desafio recorrente apontado por Bezerra e Silva (2019). Por outro lado, P7 avalia o suporte como positivo, embora sem maiores detalhes, reforçando a importância de uma gestão eficiente para a implementação de políticas inclusivas.

Os casos mais estruturados são apresentados nos relatos de P8 e P9. P8 menciona uma sala de atendimento especializada que contribui para avanços na aprendizagem dos alunos com NEE, prática alinhada às recomendações de Bezerra e Silva (2019). P9 destaca a disponibilização de recursos pedagógicos, salas multifuncionais e profissionais de apoio, práticas que, segundo Barcelli (2018), promovem autonomia e qualidade na educação inclusiva. Por outro lado, P10 aponta limitações no suporte atual, mostrando falhas em recursos e formação, desafios que comprometem a eficácia das estratégias de inclusão, conforme enfatizam Bezerra e Silva (2019).

Esses relatos evidenciam que, embora existam esforços para implementar políticas inclusivas, ainda persistem lacunas significativas no suporte oferecido. Isso reforça a necessidade de uma gestão que invista em infraestrutura, recursos pedagógicos e formação contínua, promovendo assim práticas inclusivas mais eficazes.

Sobre a frequência de uso de adaptações curriculares para atender alunos com necessidades educacionais especiais (NEE), 20% dos professores afirmaram utilizá-las sempre, 40% frequentemente, 30% ocasionais e 10% nunca. Esses dados indicam um cenário predominantemente positivo, com 60% dos docentes aplicando adaptações de forma regular, o que é fundamental para garantir equidade no acesso ao currículo, conforme Bezerra e Silva (2019).

Gráfico 2 – Frequência que utiliza adaptações curriculares para atender as necessidades dos alunos com NEE.



Fonte: Dados da pesquisa, 2024.

Por outro lado, uma parcela de 30% que utiliza adaptações apenas ocasionais e os 10% que nunca as empregadas revelam inconsistências na implementação exclusiva de práticas em práticas. Isso pode ser reflexo de lacunas na formação continuada ou na falta de recursos adequados. Vioto e Vitaliano (2019) apontam que as adaptações curriculares devem ser planejadas e frequentes para atender às necessidades individuais dos alunos de maneira eficaz.

Esses dados apontam para a necessidade de maior investimento em formação continuada, suporte pedagógico e infraestrutura, promovendo uma prática inclusiva consistente entre todos os professores e garantindo o direito à educação de qualidade para os alunos com NEE.

A análise das justificativas apresentadas pelos professores para o uso de adaptações curriculares (Quadro 3) evidencia percepções variadas, que revelam tantos avanços quanto desafios na implementação de práticas inclusivas. Uma parcela significativa, incluindo os professores P1, P8, P9 e P10, não respondeu à questão, sugerindo possíveis lacunas no envolvimento ou no entendimento sobre a importância das adaptações curriculares. Esse silêncio pode indicar desconhecimento ou insegurança em relação ao conceito e à aplicação dessas práticas. A Declaração de Salamanca (1994) e Bezerra e Silva (2019) enfatizam que esclarecer sobre as adaptações é crucial para garantir a equidade no aprendizado.

Quadro 3 – Justificativas sobre a frequência que utiliza adaptações curriculares para atender as necessidades dos alunos com NEE.

PARTICIPANTES	RESPOSTAS
P1, P8, P9 e P10	Não respondeu
P2	Não temos alunos com dificuldades severas
P3	Depende da habilidade curricular
P4	Ainda não houve necessidade
P5	Atualmente nas trilhas e eletivas
P6	A escola não possibilitava maiores desenvolvimentos
P7	De acordo com a necessidade

Fonte: Dados da pesquisa, 2024.

Alguns professores, como P2, percebem as adaptações como permissão apenas para alunos com dificuldades severas, ou que demonstram uma compreensão limitada das práticas inclusivas. Essa visão contrasta com os princípios estabelecidos pela Declaração de Salamanca, que defendem uma adaptação curricular para atender a qualquer nível de necessidade educacional especial, promovendo uma abordagem verdadeiramente inclusiva.

P3 considera que o uso de adaptações "depende da habilidade curricular", uma percepção que, embora flexível, pode limitar a inclusão, já que as adaptações devem ser contínuas e interdisciplinares, abrangendo todas as áreas do aprendizado, conforme Vianna et al. (2015). Já P4 afirma que "ainda não houve necessidade" de adaptações, o que reflete uma visão subestimada sobre a identificação de necessidades. Nozi e Vitaliano (2017) destacam que as adaptações curriculares devem ser preventivas e constantes, permitindo que os professores estejam prontos para atender às demandas antes que dificuldades se manifestem.

P5 aponta que adaptações são feitas "nas trilhas e eletivas", evidenciando uma prática restrita às áreas específicas do currículo. Vioto e Vitaliano (2019) argumentam que a inclusão requer adaptações em todas as disciplinas, garantindo uma abordagem abrangente e contínua. Por outro lado, P6 atribuiu a baixa aplicação das adaptações à falta de suporte institucional, destacando que a escola não fornecia as condições necessárias. Essa dificuldade é reforçada por Bezerra e Silva (2019), que alertam que a ausência de recursos pedagógicos e de infraestrutura limita a implementação eficaz de políticas inclusivas.

Por fim, P7 demonstra uma prática flexível, ajustando as adaptações "de acordo com a necessidade", o que reflete uma compreensão dinâmica e individualizada, alinhada às diretrizes de Vianna et al. (2015), que defende a personalização como base da educação inclusiva. Essas justificativas apontam para a necessidade de maior formação, suporte institucional e claro nas

diretrizes, para que todos os professores estejam capacitados a implementar adaptações curriculares de maneira abrangente e contínua, promovendo, assim, uma inclusão efetiva.

As respostas dos professores sobre o aprimoramento de estratégias de ensino para alunos atendidos com NEE revelam desafios e sugestões alinhadas às práticas inclusivas. Alguns professores, como P₁ e P₂, não responderam, possivelmente posicionando desconhecimento ou falta de envolvimento com o tema, o que reforçam a necessidade de formação continuada, conforme Bezerra e Silva (2019). Já P₃ destacou a importância de "reuniões formativas e escritórios", enquanto P₄ e P₅ destacaram o foco na individualização do ensino para atender às necessidades específicas de cada aluno, prática instalada por Nozi e Vitaliano (2017).

Quadro 4 – Respostas dos professores sobre se as estratégias de ensino podem ser aprimoradas para melhor atender as necessidades dos alunos com NEE.

PARTICIPANTES	RESPOSTAS
P ₁ e P ₂	Não respondeu
P ₃	Com reuniões formativas, oficinas e divulgação de material de apoio
P ₄	Acredito que a partir do momento que precisamos analisar necessidades específicas, abre-se espaço para que olhemos para todas as necessidades como únicas
P ₅	Conhecendo a necessidade individual de cada estudante que precise
P ₆	Colocando assistentes de sala com formação adequada. A última seleção só exigia ensino médio completo inserir transversalmente as práticas de aprendizado em 100% das disciplinas de educação básica, bem como na formação dos docentes, ter salas equipadas e com acessibilidade
P ₇	Adotando estratégias e recursos, jogos, atividades lúdicas adaptadas as necessidades, ambientes adaptados, cantinhos estruturados etc
P ₈	A partir das orientações fornecidas sobre o profissional do AEE, que acompanha semanalmente os estudantes os professores, devem adaptar os conceitos estudados para a realidade de aprendizagem dos estudantes
P ₉	Se faz necessário adotar uma abordagem inclusiva flexível e centrada no estudante
P ₁₀	As estratégias são muitas pois um aluno é diferente do outro

Fonte: Dados da pesquisa, 2024.

P₆ apontou a necessidade de assistentes capacitados, infraestrutura acessível e integração das estratégias inclusivas em todas as disciplinas, uma visão respaldada por Vioto e Vitaliano (2019). P₇ sugeriu o uso de jogos, atividades lúdicas e ambientes adaptados, destacando o papel das metodologias ativas no engajamento e aprendizado, como defendido por Vianna et al. (2015). A colaboração entre professores regulares e profissionais do Atendimento Educacional Especializado (AEE), destacada por P₈, é essencial para alinhar práticas inclusivas,

segundo Bezerra e Silva (2019). P₉ e P₁₀ enfatizaram a necessidade de flexibilidade e pluralidade nas estratégias, refletindo a diversidade das necessidades dos alunos com NEE.

O Quadro 5 apresenta as respostas dos professores sobre as principais estratégias pedagógicas que utilizam para ensinar alunos com necessidades educacionais especiais (NEE). Os professores P₁ e P₂ não responderam, o que, assim como em quadros anteriores, pode indicar falta de envolvimento ou desconhecimento sobre as estratégias pedagógicas específicas para alunos com NEE. A ausência de resposta levanta a necessidade de maior formação continuada e capacitação para todos os professores, conforme apontado por Bezerra e Silva (2019), que reforçam a importância de que todos os docentes estejam aptos a adaptar suas práticas pedagógicas para promover a inclusão.

As respostas dos professores sobre as estratégias pedagógicas utilizadas para ensinar alunos com NEE (Quadro 5) revelam uma diversidade de abordagens e lacunas importantes. P₁ e P₂ não responderam, queda possível desconhecimento ou falta de envolvimento com práticas inclusivas, o que reforçam a necessidade de formação continuada, como defende Bezerra e Silva (2019).

Quadro 5 – Respostas dos professores sobre quais as principais estratégias pedagógicas que adota para ensinar alunos com NEE.

PARTICIPANTES	RESPOSTAS
P ₁ e P ₂	Não respondeu
P ₃	Materiais lúdicos e/ou manipuláveis; fichas de exercícios com palavra chave
P ₄	Adaptação de atividades e avaliações mais amplas
P ₅	Sempre busca por um trabalho de escuta e discussão, sem exigir tanto avaliação tradicional (provas)
P ₆	Estudar sobre deficiência, conversar com o estudante, como seja verbal, planejar uma aula em que ele esteja inserido enquanto participante (adaptado) e participe de técnica em salas de bastidores, quer ele tenha um papel fundamental
P ₇	Atividades adaptadas, jogos e recursos lúdicos confeccionados com materiais recicláveis
P ₈	Sequência didática com elemento que conecta o assunto trabalhado e atividades com objetos manipuláveis
P ₉	Ajustes no currículo e as metodologias de acordo com as necessidades, habilidades e ritmos de aprendizagem de cada estudante
P ₁₀	Utilização de jogos

Fonte: Dados da pesquisa, 2024.

Professores como P₃, P₇ e P₁₀ destacaram o uso de materiais lúdicos e manipuláveis, jogos e recursos confeccionados com materiais recicláveis, promovendo o aprendizado ativo e acessível, conforme Vianna et al. (2015) e Teles (2019). P₄ e P₉ enfatizaram a adaptação de atividades, avaliações e currículos, garantindo que o ensino corresponda às necessidades e

ritmos individuais, em linha com Bezerra e Silva (2019). P5 prioriza a escuta ativa e estudos não tradicionais, valorizando o progresso contínuo dos alunos, enquanto P6 adota uma abordagem abrangente, envolve estudo sobre a deficiência, planejamento de aulas adaptadas e estímulo à participação integral dos alunos em atividades escolares, uma visão holística defendida por Nozi e Vitaliano (2017).

P8 destacou a integração entre teoria e prática, com uso de objetos manipuláveis, garantindo que os conteúdos sejam concretos e acessíveis. Essa combinação de estratégias promove um ambiente inclusivo, conforme apontado por Vianna et al. (2015). Essas práticas refletem avanços importantes, mas também a necessidade de maior capacitação e suporte institucional para que todos os professores estejam aptos a implementar estratégias inclusivas de forma consistente.

As respostas dos professores (Quadro 6) apontam desafios importantes na implementação de estratégias pedagógicas inclusivas, abrangendo desde a falta de formação até a sobrecarga de trabalho e a carência de recursos. A ausência de respostas de P1 reflete possível desconhecimento ou desengajamento, destacando a necessidade de formação continuada para todos os professores, como sugerido por Bezerra e Silva (2019). P2 apresenta a ausência de diagnósticos formais como motivo para manter práticas tradicionais, evidenciando a importância da observação contínua para atender alunos que apresentam dificuldades, mesmo sem diagnóstico, conforme a Declaração de Salamanca (1994).

Quadro 6 – Respostas dos professores sobre quais são os maiores desafios enfrentados ao implementar estratégias de ensino para os alunos com NEE.

PARTICIPANTES	RESPOSTAS
P1	Não respondeu
P2	Devido a falta de aluno com diagnóstico dos graus de NE, utilizo praticamente a mesma metodologia
P3	Atqueividades com fichas de exercícios, pois precisa fazer mais de uma e isso demanda tempo. Atividades matemáticas que envolvem cálculos longos e/ou complexos
P4	Ainda não aconteceu
P5	Falta de formação para as diversas divergências existentes
P6	Apoio da gestão, acompanhantes de sala qualificados
P7	A quantidade de alunos exige de mim, mais dedicação engajamento e recursos adaptados para cada especificidade, pois cada aluno tem a sua, são diferentes e com necessidades diferentes
P8	Atender e personalizar as atividades todas as aulas, levando a sobrecarga de trabalho, planejar atiiviades individualizadas necessita de um maior tempo para planejamento
P9	Recursos pedagógicos específicos, alta demanda de planejamento, poucas formações continuadas sobre práticas inclusivas

P10	Falta de conhecimento mais aprofundado
-----	----------------------------------------

Fonte: Dados da pesquisa, 2024.

Desafios relacionados ao tempo e à sobrecarga de trabalho foram destacados por P3, P7 e P8, que apontaram a dificuldade de planejar atividades individualizadas e atender às necessidades de todos os alunos. Vianna et al. (2015) ressaltam que a personalização exige recursos e suporte adequados para evitar que os professores se sintam sobrecarregados. P4 afirmou que ainda não é preciso implementar estratégias específicas, indicando possível falta de preparo para situações futuras. P5 e P9 destacaram a falta de formação continuada e de recursos pedagógicos adaptados como barreiras, reafirmando a necessidade de capacitação constante e materiais adequados, como defendido por Bezerra e Silva (2019).

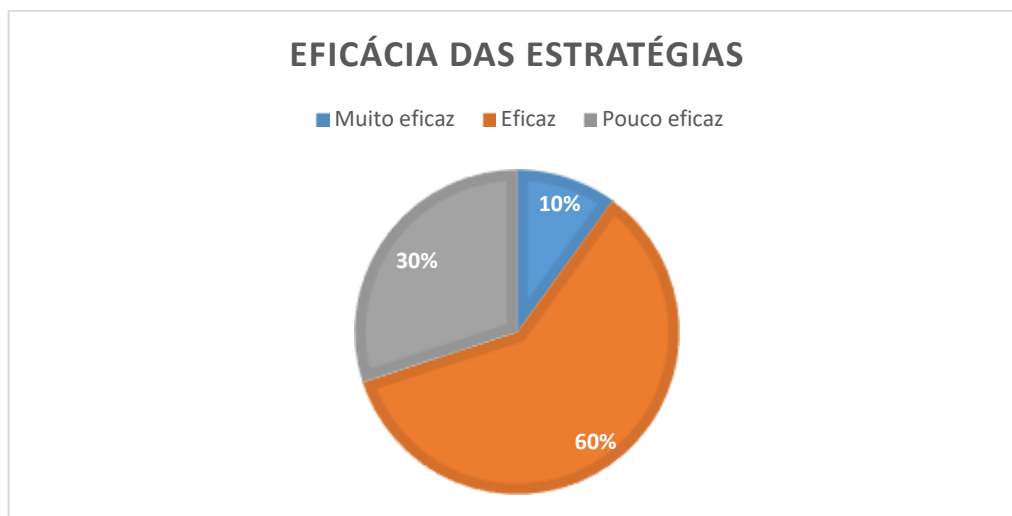
A falta de apoio institucional foi mencionada por P6, que revelou a ausência de acompanhamentos colaterais e suporte da gestão como grandes obstáculos. Vioto e Vitaliano (2019) enfatizam que a gestão escolar desempenha um papel crucial na disponibilização de recursos e suporte. Por fim, P10 citou a falta de conhecimento aprofundado como uma barreira, refletindo a necessidade de maior acesso a informações atualizadas e formação teórica e prática, aspectos essenciais para a inclusão, segundo Vioto e Vitaliano (2019).

A percepção dos professores sobre a eficácia de suas estratégias de ensino para alunos com NEE, representada no Gráfico 3, mostra que 10% consideram suas práticas "muito eficazes", 60% "eficazes" e 30% "pouco eficazes". A maioria acredita que suas estratégias atendem às necessidades dos alunos em algum grau, mas ainda há espaço para aprimoramento.

Segundo Bezerra e Silva (2019), a eficácia das estratégias inclusivas está diretamente ligada à formação contínua e ao acesso a recursos pedagógicos que permitem adaptações individualizadas. O dado de que 30% avaliam suas estratégias como pouco eficazes aponta para desafios relacionados à falta de recursos, formação insuficiente e sobrecarga de trabalho, como destacado por Vioto e Vitaliano (2019). Isso pode comprometer a implementação de práticas inclusivas e impactar os níveis tanto dos professores quanto dos alunos.

Apenas 10% dos professores consideram suas práticas "muito úteis", refletindo a necessidade de maior suporte institucional, capacitação específica e condições de trabalho que favoreçam a adaptação das práticas pedagógicas às necessidades dos alunos, conforme Teles (2019).

Gráfico 3 – Eficácia das estratégias de ensino que utiliza para alunos com NEE.



Fonte: Dados da pesquisa, 2024.

O Quadro 7 apresenta diferentes percepções dos professores sobre a eficácia das estratégias de ensino utilizadas para atender alunos com NEE, destacando pontos positivos e desafios. O professor P₃ valoriza a adaptação contínua, afirmando que, mesmo sem alcançar os objetivos, as estratégias permitem mapear dificuldades e buscar melhorias. Essa visão está alinhada à teoria de Piaget sobre aprendizagem adaptativa e à modificabilidade cognitiva de Feuerstein (2001), que destaca a necessidade de ajustes constantes para atender às demandas individuais dos alunos.

727

Quadro 7 – Justificativas sobre qual a eficácia das estratégias de ensino que utiliza para alunos com NEE.

PARTICIPANTES	RESPOSTAS
P ₁ , P ₂ , P ₄ , P ₈ e P ₉	Não respondeu
P ₂	Não respondeu
P ₃	Mesmo quando não atingimos o objetivo da aprendizagem, as estratégias ajudam a mapear possíveis causas e novas estratégias
P ₅	Consigo na maioria das vezes
P ₆	Conseguia que todos participassem, dentro de suas limitações
P ₇	As estratégias utilizadas me dá suporte/respaldo para avaliar os avanços
P ₁₀	Pois o mesmo não utiliza no dia a dia

Fonte: Dados da pesquisa, 2024.

P₅ demonstra confiança em suas práticas, mencionando que “na maioria das vezes” consegue resultados positivos. Bezerra e Silva (2019) apontam que a autoconfiança do docente

é crucial para o sucesso da inclusão, pois favorece a flexibilidade e o ajuste das abordagens pedagógicas. P6 destaca a participação ativa de todos os alunos "dentro de suas limitações", refletindo a pedagogia inclusiva defendida por Vygotsky (1991), que enfatiza a importância da interação social e da participação no processo de aprendizagem para promover o desenvolvimento integral dos alunos.

P7 valoriza as estratégias que oferecem suporte para avaliar os avanços dos alunos, ressaltando a importância da avaliação contínua e adaptativa. Teles (2019) defende que essa prática permite monitorar o progresso e ajustar as instruções pedagógicas de forma eficaz. Por outro lado, P10 aponta dificuldades na aplicação das estratégias no cotidiano, fazendo com que alguns professores enfrentassem barreiras práticas. Isso reforça a necessidade de capacitação contínua e suporte institucional, conforme defende Barcelli (2018) e Guimarães et al. (2022), para que os docentes possam integrar as práticas inclusivas em sua rotina.

As respostas dos professores sobre como adaptar atividades e materiais para alunos com NEE demonstram esforços diversos, mas também evidenciam lacunas em formação e suporte. P1 e P4 não responderam, causando possíveis dificuldades ou falta de experiência em adaptações, reforçando a importância de formação continuada e conscientização, conforme Vioto e Vitaliano (2019). Entre os exemplos de adaptações relatadas, P2 envolve o uso de imagens para colorir e ligar conceitos, uma estratégia visual eficaz para alunos com dificuldades cognitivas, como defendido por Vianna et al. (2015). P3 relatou a criação de jogos para ensinar o plano cartesiano, integrando aspectos lúdicos ao aprendizado de conceitos complexos, prática aprimorada por Teles (2019).

P5 utiliza desenhos para abordar temas, promovendo a expressão visual e o pensamento crítico de forma inclusiva. P6 adaptou uma atividade de pular corda, integrando uma cadeirante, destacando o valor das atividades físicas adaptadas na inclusão social e no desenvolvimento motor, conforme Nozi e Vitaliano (2017).

Quadro 8 – Respostas dos professores sobre um exemplo específico de como adaptou uma atividade ou material didático para um aluno com NEE.

PARTICIPANTES	RESPOSTAS
P1	Não respondeu
P2	Aluna com síndrome de DOWN, utilizei imagem para colorir e ligar as que correspondiam ao tema em tela
P3	Criação de um jogo, o batalha naval com o plano cartesiano para ajudar na compreensão da localização de pontos no plano cartesiano. Fichas de exercícios com atividades semelhantes e palavra-chave

P4	Não respondeu
P5	Já pedi que desenhassem, falassem, discutissem sobre os temas
P6	O pular corda com estudantes de modalidade reduzida e DI, saltamos juntos para evitar acidentes, na velocidade cabível. Um cadeirante participava quando a corda. Vendar o olhar de todos para que cegos e não cegos joguem
P7	Jogos que envolvem adição e multiplicação confeccionado com papelão (tabuleiro) e tampinhas de garrafa PET, treinamento de movimento de pinça com pregadores
P8	A utilização geoplano para compreensão de figuras planas
P9	Leitura e interpretação de texto
P10	Na matemática, a utilização do ábaco

Fonte: Dados da pesquisa, 2024.

P7 trabalha com jogos de tabuleiro e atividades motoras para desenvolver habilidades funcionais, enquanto P8 utiliza ferramentas visuais, como o geoplano, para ensinar conceitos geométricos. Ambas as práticas reforçam a importância de materiais táteis e visuais para facilitar o aprendizado, como apontado por Teles (2019). P9 ajusta textos para leitura e interpretação, garantindo que os alunos com dificuldades possam acessar os conteúdos de forma personalizada, estratégia destacada por Vianna et al. (2015).

Já P10 utiliza jogos para ensinar matemática, tornando o aprendizado mais acessível e interativo, também uma abordagem recomendada por Teles (2019). Esses exemplos mostram avanços na adaptação de práticas pedagógicas, mas também revelam a necessidade de maior formação e recursos para que todos os professores se sintam preparados para promover a inclusão de maneira eficaz.

As respostas dos professores evidenciaram demandas cruciais para melhoria do ensino inclusivo, com destaque para a necessidade de formação continuada, profissionais especializados e infraestrutura adaptada. P2 sugere visitas contínuas de psicólogos para oferta de suporte socioemocional, enquanto P3 e P4 defendem a presença de profissionais capacitados para acompanhamento diário ou individualizado.

A formação continuada foi destacada por P5 como essencial para que os professores entendam e acolham as necessidades dos alunos, refletindo a importância de empatia e competência técnica (BEZERRA; SILVA, 2019). P7 apontou a necessidade de mais profissionais especializados por área, reforçando a importância de equipes multidisciplinares para atender à diversidade de deficiências (TELES, 2019).

Quadro 9 – Respostas dos professores sobre quais recursos ou apoio adicionais considera necessários para melhorar o atendimento aos alunos com NEE em sua escola.

PARTICIPANTES	RESPOSTAS
P ₁	Não respondeu
P ₂	Psicólogos com visitas contínuas
P ₃	Profissionais capacitados e especializados para atendimento diário e contínuo em sala de aula (acompanhamento individual durante as aulas)
P ₄	Idealmente haveria uma acompanhante para cada aluno de AEE
P ₅	Maior tempo de formação e principalmente que os próprios professores entendam e acolham cada caso
P ₆	Materiais de vivência para LIBRAS, BRAILE, quebra-cabeça tátil para DI mais velhos, mais de um profissional de apoio, equipamentos tecnológicos, circuitos de material fofo, caminhos táteis, sinalização de salas em BRAILE
P ₇	Maior quantidade de pessoas (funcionários) especializados por área
P ₈	Uso da tecnologia parceria entre escola e família, adaptação do projeto pedagógico e formação continuada para os docentes
P ₉	Recurso de tecnologia assistiva, materiais adaptados, recursos pedagógicos específicos
P ₁₀	Vídeos de experiências extraclasse

Fonte: Dados da pesquisa, 2024.

P₆ listou adaptações como materiais para LIBRAS e BRAILLE, além de equipamentos tecnológicos, para promover acessibilidade física e sensorial. P₉ sugeriu o uso de tecnologia assistiva e materiais adaptados, ferramentas fundamentais para aumentar a autonomia dos alunos (VIANNA et al., 2015). P₈ destacou a importância de parcerias entre escola e família, utilizando tecnologia e adaptando projetos pedagógicos para envolver todos os contextos do aluno. P₁₀ sugeriu vídeos de atividades extraclasse, ampliando o aprendizado para além da sala de aula e promovendo a integração social, uma abordagem recomendada por Teles (2019).

Essas demandas evidenciam que, para alcançar uma inclusão de qualidade, é necessário investir em profissionais capacitados, formação docente contínua, infraestrutura adaptada, recursos, tecnológicos e parcerias com as famílias. Esses elementos são essenciais para criar um ambiente inclusivo que permita que todos os alunos participem plenamente das atividades escolares.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo aborda os desafios, estratégias e recursos relacionados ao atendimento de alunos com necessidades educacionais especiais (NEE) no contexto escolar, com base nas percepções dos professores sobre práticas inclusivas. As análises revelaram avanços importantes, mas também destacaram lacunas importantes que precisam ser superadas para que a inclusão seja eficaz e abrangente.

De forma geral, os professores reconhecem a importância das estratégias adaptativas e se esforçam para implementar práticas inclusivas, como o uso de materiais manipulativos, jogos e adaptações curriculares. No entanto, a eficácia dessas estratégias é muitas vezes limitada pela falta de formação continuada, apoio institucional e recursos pedagógicos adequados. A sobrecarga de trabalho e a carência de profissionais especializados também foram apontadas como barreiras recorrentes, dificultando a personalização do ensino e a plena participação dos alunos com NEE.

Os dados de tecnologia obtidos evidenciam a necessidade de um investimento robusto em capacitação docente, assistencial e de infraestrutura inclusiva. A formação continuada surge como um pilar essencial, capacitando os professores a ajustar suas práticas pedagógicas de forma dinâmica e personalizada. Além disso, a presença de profissionais especializados em sala de aula, como assistentes educacionais e psicólogos, é indispensável para oferecer suporte individualizado e aliviar a carga de professores regulares.

A promoção de parcerias entre escola e família é um ponto crucial, fortalecendo o vínculo entre os diferentes contextos que influenciam a aprendizagem dos alunos. A inclusão efetiva requer um trabalho colaborativo que envolva professores, gestores, famílias e alunos, garantindo que todos os aspectos do desenvolvimento sejam contemplados.

731

É fundamental que as políticas educacionais garantam recursos financeiros e materiais para viabilizar as adaptações possíveis, além de promover uma cultura escolar inclusiva que valorize a diversidade e o potencial de cada aluno. Apenas por meio de um esforço conjunto e contínuo será possível transformar escolas em espaços verdadeiramente inclusivos, nos quais todos os alunos, independentemente de suas necessidades, possam aprender e se desenvolver plenamente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEZERRA, M. A.; SILVA, R. L. **Educação Inclusiva e Desafios Pedagógicos**. São Paulo: Editora Inclusiva, 2019.

BARCELLI, Juliana C. Desafios e estratégias de ensino para alunos com deficiência intelectual. **FCE Informa**, 2018. Disponível em: <https://fce.edu.br/blog/desafios-e-estrategias-de-ensino/>. Acesso em: 06 mai. 2024.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2004.

BRASIL. Ministério da Educação. **Declaração de Salamanca**. Brasil, 1994. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf>. Acesso em: 21 de Junho de 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica** / Secretaria de Educação Especial – MEC; SEESP, 2001.

GUIMARÃES, C. R., TELES, M. P., ALMEIDA, R. S. **Práticas Pedagógicas e Inclusão Escolar: Teorias e Aplicações**. Rio de Janeiro: Editora Visão, 2022.

NOZI, D. R.; VITALIANO, E. **Comunicação Humana e seus Distúrbios**. 2^aed., Porto Alegre: Artes Médicas, 2017.

TELES, J. M. **Políticas Educacionais e Inclusão: Uma Perspectiva Crítica**. Salvador: Editora Social, 2019.

VIANA, P. et al. **A mudança de sentido e o sentido da mudança**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2015.

VIOTO, A. C. **Uma breve revisão histórica sobre a construção dos conceitos do Autismo Infantil e da síndrome de Asperger**. Rev. soc. bras. fonoaudiol, São Paulo, v. 13, n. 3, 2019.